



VISTA EXTERIOR DA EGREJA DE SANTA MARGARIDA.

EGREJA DE SANTA MARGARIDA.

Apresentamos hoje duas estampas, que mostram um edificio religioso, a igreja de Santa Margarida, cuja architectura é combinada de diferentes estylos. Foi erecto em Inglaterra, a expensas do conde de Stamford, e sagrado em junho do anno passado. O architecto foi W. Hayley, e a despeza na fabrica, vinte mil libras.

Está situado na volta do caminho que vae de Al-trinchans para Knutsford, terra importante da provincia de Chester, onde existem bastantes fabricas.

Qual a santa Margarida, a que é dedicada a igreja? Será a padroeira de Cremona, que foi martyrisada no terceiro seculo da era christã? Será a santa

Margarida rainha d'Escocia, que com Malcolm III casou em 1070?

Eis o que não diz o jornal d'onde colhemos os apontamentos para este artigo.

O amor proprio é uma paixão, que vae acompanhando o progresso da civilisação: hoje qualquer escolar se presume um Platão; qualquer soldado um Scipião; qualquer patriota um Catão.

O ignorante admira o charlatão, porque não tem conhecimentos para o distinguir do sabio.

O vaidoso nunca chegará a ser sabio; mas muitos sabios chegam a ser vaidosos.

VOL. V.—3.^a SERIE.

DEZEMBRO, 13, 1856.

MEMORIAS HISTORICAS.

(1589 — 1592)

Uma das mais raras compilações sobre a historia das duas Indias é por certo a que por diligencia dos irmãos De Bry, e Meriani, de Francfort, se fez nos fins do seculo XVI principio do XVII, sob o titulo geral de *Collecção de viagens á India oriental, e India occidental.* (*Collectiones Peregrinationum in Indiam Orientalem et Indiam Occidentalem.*) Do merito d'ella fallam largamente De Bure junior, na sua *Bibliographia instructiva*; Brunet no seu importante *Manual do livreiro*; etc.

De vinte cinco partes, memorias de diferentes escriptores, escriptas em diversas épocas, e originalmente em idiomas varios, se compõe a *Collecção*, que é entre os amadores conhecida pelo titulo convencional de *Grandes e pequenas viagens*, denominação que lhe nasce do formato menor e maior das duas series em que parece estar dividida (*Camus, Mem. sur la coll. des grands et petit. voyages.*)

A primeira serie, que vimos, (*Pequenas Viagens*) em folio ordinario, comprehende doze partes, em cinco volumes, e consta toda de escriptos relativos ás Indias orientaes. A segunda serie (*Grandes Viagens*) em folio maior, abrange treze partes, em tres volumes, respeitantes ás Indias occidentaes, sob o titulo de *Historia da America ou Novo Mundo.* De Bure a descreve, a avalia, a historia, e a compara, parte por parte, como bom intendedor e bibliophilo que é.

Paciência, e trabalho aturado tirariam d'esta grande collecção de viagens muitas noções da nossa historia; algumas importantes, outras de pequena transcendencia, inda que assim mesmo uteis talvez um dia á controversia; e todas perdidas em velhos livros, por cujos titulos se não denunciam.

Oitava, entre as partes, que compõem a primeira serie da *Collecção*, é o *Itinerario* do hollandez João Hugo Lintschoten, ás Indias portuguezas, ou orientaes; volume unico, impresso a duas columnas, que abre com viagem de Lisboa para a India começada em 8 d'abril 1583.

Muitas são as edições e traducções que este livro tem tido. Escripto originalmente em hollandez, safa em 1596; depois em latim em 1599; em francez em 1610; em allemão em 1614; etc.

É da edição latina que nos servimos, para a transcripção do seguinte capitulo.

Certos feitos dignos de memoria no tempo em que João Lintschoten morava na Terceira — Dois homens fulminados por um raio — Uma nau dos hespanhoes capturada pelos inglezes — São pelos mesmos aprisionados quatorze navios — Conde de Cumberland — Riqueza da armada da India hespanhola — Alvaro Flores — Sua riqueza — Os inglezes apoderam-se de duas naus d'hespanhoes — Motivo — Grande prejuizo dos hespanhoes em 1590 — É capturada uma nau de inglezes — Delicto — Os hespanhoes navegam com mais felicidade debaixo do commando d'Alvaro — Armada ás ordens de Martinho Forbischer — Bichos nocivos aos navios — Estado de Mathias d'Albuquerque — Captivam os inglezes os navios mandados á India e que vinham da Mina — Terremoto terrivel — Armada de hespanhoes mandada á Terceira — Accção illustre de Ricardo Groenveld — Admiravel obstinação da natureza em mastigar copos de vidro — Enorme tempestade — Destroe cruelmente as naus hespanholas — Deploravel naufragio — Varios naufragios — De cento e quarenta navios somente se salvam trinta — Os conductores da pimenta diligenciam levar os generos que salvaram da nau Malaca — João Hugo parte.

«No anno de 1589, a 2 d'outubro, na villa da

Praia da ilha Terceira morreram dois homens fulminados d'um raio, nos campos extra-muros.

«A 19 do mesmo mez vieram á Terceira quatorze navios da India occidental, carregados de cochonilha, coiros de boi, oiro, prata, perolas, e outras mercadorias. Eram em numero de cincoenta quando saíram da Havana, porém á saída do canal uma terrivel tempestade que sobreveiu despedaçou onze d'estes, e os restantes, vagavam por diferentes rumos. No dia seguinte um navio d'esta armada aproximou-se á ilha Terceira para ahi ancorar; porém como succedesse encontrar uma nau ingleza, que só tinha tres peças, e ella estivesse munida de doze de igual calibre, a que chamam *Gotelinas*, começaram a pelejar. Porque ao longe viamos da ilha esta peleja, o governador mandou duas chalupas, em auxilio com alguns escopeteiros; porém antes que estes se aproximassem, viram o navio batido pelos inglezes, e levantadas as velas submergir-se, não se vendo já senão restos; quasi trinta homens, incluindo o capitão foram mettidos no escaler pelos inglezes, e desembarcados em terra; além d'isso morreram quasi cincoenta homens, e submergiram-se riquezas no valor de duzentos mil ducados, em oiro, prata, e pedras preciosas.

«A 27, quatorze dos sobreditos navios que caminhavam para Sevilha, foram aprisionados pelos inglezes, junto ás costas de Hespanha, e conduzidos para Inglaterra.

«Por estes mesmos dias navegava proximo a estas ilhas o inglez conde de Cumberland, e frequentemente se aproximava á bahia de Angra, a tiro de mosquete. Tambem foi á Graciosa, e ao Fayal, e levou muitas caravelas, com geral consternação dos insulares. Tres ou quatro dias depois da sua partida, vieram ao Fayal seis navios da India, commandados por João Doryves, e conduzindo quatorze milhões d'oiro e prata. Desembarcada a cargação na ilha, e concertados depressa os navios, e logo de novo carregados, sem mais demora aportaram a Hespanha. O conde de Cumberland quando voltou sentiu muito ter-lhe escapado aquella valiosa presa.

«No mez de novembro duas grandes naus vieram á Terceira, a saber, a almirante e vice-almirante da armada que conduzia a prata. Tinha-as dispersado uma temerosa tempestade, com grande perigo de naufragio, sendo obrigadas a dar constantemente á bomba para não soçobrem, e muitas vezes desejaram a aproximação dos inglezes, a quem de bom grado teriam entregado toda a prata para salvarem a vida. Porém o conde de Cumberland, posto que sempre navegasse n'aquella altura, nunca lhes appareceu, de modo que entraram na bahia d'Angra, depois de grandes calamidades. Aqui muito á pressa descarregaram grande copia de riquezas, que montaram a perto de cinco milhões de prata em linguetas de oito ou dez libras; coberta a praia, e a ser-ra de barras de prata, e de cofres cheios de dinheiro amoadado que a todos que isto viam causava admiração. O mithão vale dez centenas de milhares de ducados; e não conto as perolas, o oiro, os diamantes, e outras coisas preciosas ainda não inscriptas nos registros. O almirante d'esta armada era Alvaro Flores de Quinhones, então doente da molestia da India, de que depois morreu em Sevilha. Tinha cartas patentes do rei, com autoridade em todos os navios, mares e terras em que aportasse. Foi portanto recebido com summa honra pelo governador da Terceira. Aqui, deliberando com o governador, formou proposito por causa da fraqueza das naus, e corre-

rias dos inglezes, de as mandar vazias para Hespanha, com uma guarnição militar, para que certificando o rei curasse do modo de conduzir com segurança para Sevilha a prata e riquezas da armada. Por este motivo ficou Alvaro na Terceira para guardar o dinheiro, e curar da sua saúde. Tinha aqui sessenta mil ducados em perolas e riquezas suas particulares, que se propunha vender-nos, recebendo em troca especiarias ou dinheiro em letras de cambio. Emfim a tempestade destruiu estas duas naus, equipadas com trezentos ou quatrocentos homens tanto marítimos como soldados. A almirante despedaçada pela força do mar, foi para o fundo com destruição de tudo quanto levava. A vice-almirante deslocados os mastros, e arrojada á terra fez-se pedaços junto a Setubal. Salvaram-se d'ella alguns homens a nado, que foram os mensageiros do acontecimento e da cruel sorte.

«N'este mesmo mez duas grandes naus hespanholas que vinham da India, e que chegavam ao porto da Terceira, d'onde apenas estavam distantes coisa de meia milha, foram encontradas por uma nau ingleza, que, depois de porfiado combate, as aprisionou á vista de toda a ilha. A causa d'esta atrevida presa era a seguinte. Sob capa de francezes alguns inglezes, oito mezes antes, carregavam de pastel um navio na ilha Terceira; porém alguém descobriu a fraude, e por isso o navio foi confiscado, todos os bens vendidos em proveito do estado, e toda a tripulação presa, porém com homenagem, porque na ilha podiam considerar-se como em estreito carcere. Não obstante, no domingo immediato fugiram n'um barco de pesca que encontraram junto ao monte Brasil, e dirigiram-se ao navio do conde de Cumberland, que então por acaso navegava n'aquella altura, ficando tansómente na ilha o piloto e o contrator que tinham dado fiadores. Este piloto tinha em Inglaterra um cunhado, ou irmão de sua mulher o qual tanto que soube do captiveiro do seu parente, alcançou da rainha licença para equipar um navio, e reparar o damno que recebera, com a captura d'algum hespanhol, para por meio d'elle resgatar seu parente. Foi este pois o que se apoderou das duas naus como ha pouco narrámos; e esteve comigo aquelle piloto inglez. Tomadas as naus com riqueza que excedia a trezentos mil ducados mandou para terra toda a tripulação, conservando apenas em refens duas pessoas nobres. Remetteu cartas ao governador, por via do piloto dos hespanhoes, nos quaes lhe dizia: que elle queria trocar estes dois nobres pelo seu irmão; que se isto lhe fosse concedido os soltaria; do contrario os conduziria a Inglaterra. O governador não accitou, observando que aquella graça devia ser pedida ao rei, e que os mesmos nobres a podiam impetrar. Convidámos para o nosso jantar este piloto hespanhol, que nos referiu a disposição do combate e louvou o proceder dos inglezes. Pouco depois o mesmo piloto inglez fugiu, sem pagar refens.

«No mez de janeiro de 1590 chegou á Terceira uma nau da India hespanhola, com a triste noticia da destruição de cem navios nas alturas da Florida, dos quaes só ella restava. Feito por esta razão o calculo viu-se, que dos duzentos e vinte navios, que segundo constava, tinham partido, no anno de 1589, da nova Hespanha, S. Domingos, Havana, Cabo Verde, Brasil, Guiné etc., sómente chegaram salvos quatorze ou quinze, sendo submergido o resto, ou destruido pelas tempestades.

«No mesmo mez de janeiro chegaram á Terceira,

quinze ou dezeseis navios de Sevilha, a maior parte belgas e alguns inglezes, que tinham sido embargados para esta navegação. Vinham cheios de tropa, e armados em guerra, para receber a prata e transportar Alvaro Flores. Porém, como n'este tempo o mar estivesse muito cavado, nenhum navio ousava entrar no porto, e alguns que istoprehenderam, estiveram em grande perigo, por se lhes partirem os mastros, e até se perdeu um navio da mesma armada de Biscaya, que se despedaçou nos rochedos, salvando-se comtudo a tripulação. Por isso os outros navios conservaram-se ao largo, dispersos ao arbitrio do vento, até ao dia 15 de março, não tendo havido em todo este tempo um momento favoravel para fundearem ou entrarem na bahia. Acalmada a tempestade caiu de repente no meio d'esta armada uma nau ingleza, (de duzentas toneladas) que em consequencia do excessivo vento não podera largar todas as velas. Os portuguezes a tomaram, e pozeram na sua pópa á maneira de tropheo a bandeira ingleza. Porém não longe do porto saíram-lhes ao encontro duas naus inglezas, que teriam reparado aquelle prejuizo se a proximidade da cidade e fortalezas, cuja artilheria jogava, não favorecesse os portuguezes. Todos os inglezes foram atados a dois e dois, e mettidos no porão, onde ficaram expostos á terrivel vingança de Oestró, porta estandarte hespanhol, perturbado on incitado, porque perdera o irmão na armada ou navio dos hespanhoes, que se dirigia a Inglaterra; que os accommetteu com punhal descumbainhado e degolou juntamente seis que estavam sentados. Dois que restavam e que viram esta maldade, afim de evitar a morte saltaram ao mar, onde se submergiram. Todos os hespanhoes detestaram este crime, e mandaram para Lisboa o porta estandarte, que depois por sentença do rei foi condemnado a ser entregue á rainha d'Inglaterra. Isento porém d'isso pelos rogos dos amigos, devia ser decapitado, se em sexta-feira Santa, juntos todos os capitães em Lisboa, lhe não tivessem alcançado o perdão a muitos rogos. Estas duas naus, que (como se disse) seguiam o almirante da armada, fazendo-se ao mar, caíram sobre uma nau que se tinha afastado d'ella, e que era desejada, e a tomaram, lançando em terra a tripulação. Era esta aquella nau que fôra confiscada na Terceira, e que tendo sido vendida a hespanhoes que vinham da India, fôra levada para a cidade de S. Lucar, onde fôra embargada para esta navegação. Tinha grande valor pela ligeireza com que navegava, não assim quando era governada por hespanhoes. Sendo portanto recuperada pelos antigos senhores, retirou-se para Inglaterra.

«No mencionado dia 19 de março, as naus em numero de dezenove fizeram-se á vela, conduzindo a prata, e o capitão general Alvaro Flores de Quinhones, com a sua gente, bem guarnecidas de tropa, armamentos, e outras coisas necessarias, e com animo feito de resistir até á morte aos inimigos. Seguiam viagem para o porto de S. Lucar; mas o vento sendo contrario os levou a salvamento ao porto de Lisboa contra a vontade e ordem d'Alvaro. Certo, porém, do cabo de S. Vicente estavam vinte navios inglezes, que desejavam sair ao encontro d'esta armada, mas o destino foi favoravel aos hespanhoes e concluíram a navegação sem mortandade, e sem peleja, que aliás seria duvidosa.

«No mez de março do anno de 1590 avistava-se na ilha Terceira um cometa ou estrella de cauda. Durava havia quatro noites, e a cauda estendia-se para o sul.

«No primeiro d'agosto, cartas que chegaram de Portugal e da Hespanha para o governador da Terceira diziam, que não havia ainda dois annos tinham partido d'Inglaterra doze naus, sete das quaes se dirigiam á India portugueza, e as outras cinco a Malaca. Das cinco, duas tinham-se perdido ao passar o estreito de Magalhães, as outras tinham chegado a Malaca, porém o que ahí fizessem não diziam as cartas. As sete, dobrado o cabo de Boa-esperança, e chegando á India, aportaram ás costas de Malabar, e ahí tomaram dois juncos dos malabares, bem como duas galés turcas que vinham do estreito do mar Vermelho, as quaes depois permittiram ausentar-se. Certamente partiam com os navios carregados d'especiarias: porém onde receberiam a carga, ou que logares frequentariam, nada se sabia com certeza. Assim o escrevera o visorei da India, mandando as cartas para Veneza e d'aqui para Madrid.

«A 7 d'agosto vinte navios inglezes, cinco dos quaes eram da rainha, se apresentaram na Terceira, commandados por Martinho Forbischer, para esperar a chegada das armadas da India hespanhola, e outros logares do Occidente. Esta armada aterrorisou todas as ilhas, especialmente a do Fayal, aonde mandaram um inglez trombeteira para pedir ao governador mantimentos e agua, e vindo ferido de um tiro, excitou todos os inglezes á vingança, de modo que o governador da Terceira foi obrigado a mandar-lhe alguns barcos com polvora e biscoito; porém na verdade nenhum mal nos fizeram os inglezes por este motivo.

«N'este tempo duas naus de carga que vinham de Portugal, e se dirigiam á Terceira, encontraram no meio do mar duas naus da rainha d'Inglaterra, commandadas por M. João Harckles, que as aprisionaram, e logo depois soltaram. Annunciaram-nos estas que, cada uma das naus inglezas tinha oitenta peças; — que o capitão Drack guardava o canal d'Inglaterra, para que tomasse cuidado na armada que vinha da Corunha, que era de oitenta navios carregados de tropa, viveres e armamentos, e que era mandada para Inglaterra em reforço da liga franceza; — e que estavam na altura do cabo de S. Vicente dez naus certamente para apprehender perto das ilhas os navios da India que escapassem.

«No 1.º de setembro chegou á ilha de S. Miguel um navio ligeiro de Pernambuco, porto do Brasil, referindo que aportara a Pernambuco a armada do almirante da India, que tendo-se extraviado da ilha de Santa Helena, procurara aquelle porto obrigado pela necessidade, posto que o rei expressamente lh'o prohibisse, por causa dos bichos que n'estas paragens roem os navios. Este almirante, chamado Bernardim Ribeiro tinha partido de Lisboa para a India com cinco naus no anno antecedente de 1589. Quatro d'estas naus voltaram a salvo, a quinta (segundo se crê) foi destruida pela tempestade, pois nunca mais appareceu. Duas naus inglezas tinham infelizmente maltratado a nau almirante, mas ainda assim entrou no porto a salvo.

«A 5 do mesmo mez veio á Terceira uma caravela da ilha do Corvo, com cincoenta homens, que os inglezes tinham deitado n'aquella ilha, depois de os roubarem. Eram estes d'uma nau da India hespanhola, e annunciavam que além d'aquella mais quatro naus tinham sido aprisionadas pelos inglezes, juntamente com uma caravela em que vinham as ordens do rei ácerca das naus da India portugueza; e que os inglezes eram senhores do mar com uma armada de quarenta navios, de modo que nem uma

pequena embarcação poderia escapar. Por isso as naus da India portugueza navegavam na altura de 40, ou 42 graus, evitando o porto de Lisboa, e o cabo de S. Vicente, porque de outra maneira cairiam nas mãos dos inglezes que então dominavam todo aquelle mar; — e o rei mandava que a armada da Havana se demorasse por mais um anno, para que não fosse apresada, com quanto esta demora seja muito prejudicial aos navegantes, e por isso muitos se aventuram e desaparecem clandestinamente mas os inglezes os aprisionam, e os lançam em terra, como se vê na Terceira onde a todo o momento estão aportando navios despojados.

«A 19 veio á Terceira uma caravela com um commissario regio, que fizesse transportar a Lisboa as riquezas da nau Malaca, que tinham sido salvas do naufragio, e por cuja causa ali nos demoravamos; pois tinha partido do porto da Corunha Alonso de Bassan com quarenta navios de guerra para comboyar a armada d'uma e outra India, e debaixo de sua protecção tambem deviam transportar-se até Lisboa as riquezas da nau Malaca. Porém, por causa do vento contrario não poderam aquelles navios aportar ás ilhas, á excepção de dois que a tempestade tinha separado dos mais, e que chegando e não vendo armada alguma, tornaram a partir para procural-a. Entretanto o rei mudando de parecer tornou a chamar a armada, e mandou (segundo dizem) que as naus da India esperassem; tirando-nos assim a esperança de transportar as mercadorias e differindo-a para occasião mais favoravel.

«A 23 d'outubro aportou á Terceira uma caravela annunciando que das cinco naus que no anno de 1590 tinham partido de Lisboa em direcção á India, quatro tinham regressado depois de quatro mezes d'ausencia; e que só a almirante seguira viagem, e chegara a Malaca depois de grandes infortunios, tendo-lhe morrido duzentos e oitenta homens. Conduzia esta nau o visorei Mathias d'Albuquerque, o qual para não perder a faculdade de exercer aquelle cargo, com animo obstinado tinha feito aquella viagem, infeliz para outros. O reconhecido valor d'este varão, que (como eu mesmo observei na India) desempenhava de igual forma o logar de soldado e de general, era tão digno de louvor e tão celebrado entre os indios, que com razão era considerado digno de tamanho governo. Porém apenas o alcançou mudou de costumes, e desprezível pela arrogancia commetteu muitas indignidades. Entre outras fez pintar na sua nau a imagem da Fortuna que elle fazia mover com o bastão que na mão tinha, com este letreiro — *Quero que venças* — o que foi muito notado pelo Cardeal e outros nobres que com elle iam, e foi tomado como loucura.

«A 20 de janeiro de 1591 soubemos na Terceira, por via de Lisboa, que os inglezes tinham capturado um navio, que el-rei mandava á India portugueza, para annunciar o regresso das naus ao visorei. Visto terem as outras retrocedido, levava esta muita prata, quinhentos mil ducados de quarenta reales (*sluvs rorum*) e da mesma sorte muitas mercadorias. Constava n'este tempo que tinha sido aprisionada uma nau que voltava do logar da Mina carregada de oiro, e mais duas outras cheias de pimenta e outras especiarias. Sómente a pimenta que estas traziam valia cento e setenta mil ducados. Os inglezes levaram estas naus para Inglaterra.

«No mez de julho de 1591, um terremoto abalou a ilha de S. Miguel, e durou desde 26 de julho até 12 d'agosto, de modo que ninguem se atrevia a per-



VISTA INTERIOR DA EGREJA DE SANTA MARGARIDA.

manecer nas casas, e toda a gente andava dispersa pelos campos, que enchia de lastimoso pranto. Também caíram muitas casas, e a villa que se chama *Villa-franca* foi quasi arrasada, destruidos todos os mosteiros e habitações, e ficando muitas pessoas sepultadas debaixo das ruinas. A terra fendeu-se em algumas partes, mudaram de logar os rochedos e alguns montes foram destruidos e arrasados.

«Tamanha foi a violencia do abalo, que até o mar, e os navios que estavam no porto tremeram, como se se tivessem mudado inteiramente os polos. Também de repente surgiu da terra uma fonte ou olho de limpidissima agua, que correu clara durante quatro dias, e depois seccou. Ouviam-se estrondos subterraneos, e trovões medonhos, como se as cavernas estivessem cheias d'uma multidão de demonios, des-

fallecendo e morrendo muitas pessoas de susto. Tremeu tambem quatro vezes a ilha Terceira, que parecia subverter-se, porém sem damno algum. Estes terremotos são mui frequentes nas ilhas. Vinte (aliás sessenta e nove) annos antes, um egual abalo tinha arrasado e espalhado um monte que está perto de *Villa-franca*, de sorte que cobriu de terra quasi toda a villa, e submergiu muita gente.

«Em 25 d'agosto chegou á Terceira, vinda do Ferrol, uma armada real de trinta naus de Biscaya, Portugal e Hespanha, e dez belgas, a que chamam Uiebotas (*galeotas?*) que tinham sido apenadas em Lisboa para serviço do rei, sem fallar em algumas caravelas e patachos, que tinham a seu cargo procurar e cuidar das coisas necessárias para a armada. Esta armada vinha para servir de guarda aos navios que vinham da India hespanhola, e os navios allemaes para receberem á volta e conduzirem a Lisboa as mercadorias salvas do naufragio da nau Malaca.

Continua.

JOSÉ DE TORRES.

UM DESEJO.

Tu pedes-me um canto? Só magoas sentidas
Nás cordas da lyra se podem casar;
As trovas d'encanto ja foram perdidas
De feras desditas em rapido mar.

Eu nada já tenho dos tempos passados,
Dos tempos que a vida s'enlaça ao porvir,
Que amor, liberdade são nomes sagrados
São astros luzentes d'eterno luzir.

Agora em sentidas, em ternas endeixas,
Só posso o passado chorar na soidão,
Lembrar-me dos sonhos!... e em horridas queixas
Dizer-lhes — mentistes ao meu coração!

Desejo que as crenças que sentes no peito,
Que Deus não permitta manchar-t'as ninguem!
Sem crenças na terra cae tudo desfeito,
Sem ellas a vida nos foge tambem.

D'esses labios formosos de cor purpurina
N'um terno sorriso soletras pudor,
A mim o sorriso cruento m'ensina,
Affectos mentidos, escarneo d'amor.

Contrito que vendo de ferros cingida
A patria formosa do teu suspirar,
Tu sonhas heroes votando-lhe a vida,
Que a patria valentes hão de ir libertar.

Mas eu se diviso cardumes d'espadas
As leis promulgando na voz do canhão,
Antigas algemas diviso troçadas
Por mais infamante cruel servidão.

São estas verdades, verdades pungentes,
Que pungem bem fundo no meu coração,
Eu não desejara fazer-t'as patentes,
Dizer-te que impera no mundo a traição.

Mas eu que anhelante na busca das crenças
D'amores, liberdades, a vida passei,
Que todas vi mortas nas trevas immensas
D'immensas infamias que nunca sonhei;

Não posso dizer-te que a vida que é bella!...
Porém eu desejo, de ti fuja a dôr,
Desejo que tenhas no mundo uma estrella
D'eternas venturas, de rosas d'amor.

Coimbra, junho de 55.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

XL.

De como se ordenou fazer casa de moeda nesta cidade.

Como nesta cidade havia soldados estrangeiros de presidio, aos quaes se faziam suas pagas ordinarias, e assim a seus capitães, e tinha caravelas de aviso, e fazia duas galés e muitas fortificações, para o que se havia mister muito dinheiro, e para outras cousas, e na terra o não havia, nem nas ilhas de baixo, nem havia commercio com parte alguma, nem donde viesse dinheiro, ordenaram de fazer casa de moeda, porque havia muito cobre, e de França vinha quanto queriam; e havia muitas peças de oiro e prata na cidade e ilha. Tomaram o pateo do Hospital da cidade, que era proprio para o sobredito, e fizeram mestre de moeda um Gaspar Ribeiro ourives, e os mais officiaes da cidade serralheiros, e dos ferreiros tomaram os que se houveram mister, e fizeram juiz, escrivão e thesoureiro, e os mais officiaes. E começaram a fazer logo de principio boa moeda de prata, ouro, e cobre. As moedas que corriam a trez reis, um açor, e valiam dez reis; as moedas de real e meio, cinco reis; as de real, trez reis; e os meios reaes, um real: que assim valeu no tempo antigo, antes que el-rei D. Sebastião reinasse. Fizeram moedas de prata de crusado, e tostões, e meios tostões, e vintens. Depois dobraram este dinheiro, e das moedas de crusado, marcadas com o açor valiam dous cruzados; e o tostão dous; e os meios tostões um tostão; e os vintens dous vintens. Este dobro era d'el-rei, porque recolhia dous tostões e dava um marcado com um açor; e não valia o dinheiro que não era marcado com este açor; e assim faziam moeda nova de quatro vintens; e de dous, e de um, e havia muito dinheiro na ilha, porque só nella, e nas ilhas do Pico, Fayal, Graciosa, S. Jorge, e Corvo corria este dinheiro, e não saía dellas, e por este respeito era muito. E as moedas de buro de quinhentos reis tambem foram dobradas, e valiam mil reis; e as de mil reis valiam dous.

XLI

De um pedido que Manuel da Silva fez pela cidade.

Logo em se começando a casa da moeda fez Manuel da Silva em sua pessoa, e em companhia de muitos homens nobres, capitães, fidalgos, cidadãos, um pedido pela cidade, correndo as ruas della. E diziam, que o Sr. D. Antonio, dizendo: el-rei meu Senhor D. Antonio está em guerra com el-rei de Castella, e o tem botado por força de armas fora de Lisboa, e mais partes de Portugal; e desta ilha se hade restaurar, e com o favor de Deus, e da Rainha

mãe de França, e Rainha de Inglaterra, e mais senhores dos ditos reinos, hade tornar a entrar em Lx.ª cabeça do reino de Portugal, por isso é necessario em todo ajudal-o; e que dessem dinheiro, peças d'ouro ou prata, para se fazer dinheiro para seu serviço. Os moradores da cidade, como elle ia em sua pessoa, pedia a todos os que lhe diziam que podiam dar, assim os que estavam em fama de servidores do Snr. D. Antonio, como os mais de suspeita, uns davam cadeias, outros anneis, outros dinheiro, outros promettiam moios de trigo, outros vacas, e os que eram de suspeita a esses se pedia com mais industria, os quaes mais por vergonha, que por vontade, e porque os não molestassem, davam mais. De maneira que o ditto Manuel da Silva todas as cadeias que lhes davam, as botava ao pescoço; e ja não podia com ellas; e como a terra estava rica, e prospera ajunctou um thesouro, e dizem que nada disto appareceu na casa da moeda, que tudo elle guardou com muito ambar de naus que vinham ter a esta ilha.

XLII

De certas ordens e traças que deu Manuel da Silva.

Como o povo miudo com a vinda de Manuel da Silva se alvoroçou, e Manuel da Silva fazia alguns officiaes mechanicos sargentos de companhias, almofaceis da limpeza, e ao mestre da casa da moeda lhe botou o habito de Santiago, e ao patrão da ribeira João Duarte outro habito, e a muitos mechanicos o de Aviz; não havia homem nobre que da sua boca não fosse tredo, e faziam muitas molestias, e descortezias com favor do ditto Manuel da Silva, o qual mandou que como vissem pelas praças ou ruas estarem fallando trez homens junctos de suspeita, em segredo, que lhes dava licença para os matarem. Elle por quasi nada logo dizia que havia mandar enforcar: não se fiava de homem nobre, antes nas companhias os sugitava aos mechanicos. Todos os privilegios da cidade quebrou; e os dava aos mechanicos. Prendia em cadeia publica os juizes com as varas nas mãos. De tal maneira ia o negocio, que alguns ou muitos homens nobres não tinham em seu peito serem do serviço d'el-rei Philippe e pela desconfiança de Manuel da Silva e molestias do povo miudo se faziam. O ditto Manuel da Silva foi publico e notorio com o poder do cargo deshonnar algumas donzellas, e cazadas, e dizem que mandou a um homem que lhe trouxesse uma filha para dar um testemunho; o pae a levou e elle a metheu consigo em uma camara e a deshonnou, e o pobre homem dizem morreu de nojo.

XLIII

Dos homens que foram sentenciados, que estavam presos com João de Bettencourt.

Estavam na cadeia os homens que atraz tenho ditto, presos. Depois que foi degolado João de Bettencourt os sentenciaram todos, e nenhum foi sentenciado a morte, mas foram condemnados rigorosamente em parte de suas fazendas, e dinheiro para a coroa, e um Estacio Trigueiros, e Pedro Velho, alem do dinheiro foram com baraço e pregão pelas ruas publicas, e este licenceado Estacio Trigueiros era cirurgião, e foi privado do officio. Depois lhe deu o ditto Manuel da Silva licença para curar: quiz este pobre ir-lhe dar os agradecimentos da licença que

lhe deu, e começando a fallar com elle, porque tinha tal semblante o ditto Manuel da Silva, que os homens com medo d'elle se turvavam de fallar com elle, que em começando a fallar dice, pelo querer agradar, que elle era muito servidor do Snr. D. Antonio; em o ditto Manuel da Silva lhe ouvindo isto gritou: *O' traidor ainda lhe não chamais el-rei D. Antonio! Enforquem este traidor, levem-no logo d'aqui, e vão-no enforcar!* E assim o mandou ir, e chamou logo um meirinho, e mandou que logo o açoitassem por duas ruas publicas, e bem açoitado o mettessem na cadeia, e assim se fez. O pobre homem na prisão esteve té a vinda do Snr. D. Antonio, e lhe contaram o caso, dice, que fôra muito mal feito, e reprehendeu ao ditto Manuel da Silva, dizendo-lhe: *vós Manuel da Silva não quereis ser Conde, nem que eu seja rei, porque primeiro eu fui Snr. D. Antonio que rei D. Antonio.* Isto lhe dice porque sabia mais de sua condição que outros.

Continua.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

Os doentes de medicina teem á noite a visita d'um medico, chamada da tarde.

Compete a este verificar se os remedios se dão com regularidade; se os empregados são exactos na execução das prescrições dos facultativos; visitar os doentes que tiverem entrado depois da visita do medico director da enfermaria, os que tiverem peiorado, e os que formarem assumpto de observações especiaes; escrever n'um quaderno, chamado *Diario da visita da tarde*, a hora da sua visita, o estado em que achou os doentes precedentemente citados, e qualquer occorrença que denote irregularidade no bom desempenho do serviço dos doentes; e finalmente redigir e apresentar cada mez a historia pathologica de dois doentes, que offereçam molestias mais notaveis.

Os ajudantes e criados de cada enfermaria, com o seu respectivo enfermeiro, são obrigados a fazer a limpeza, e a distribuição da comida e remedios; nos intervallos ha constantemente em cada enfermaria um, ou, se o caso o pede, mais ajudantes, chamados de *piquete*, para cuidarem e vigiarem nos enfermos.

Todas as enfermarias são rondadas de noite por um enfermeiro que por escala é nomeado para observar se os empregados subalternos cumprem suas obrigações, se nas enfermarias ha socego, e se aos doentes não falta coisa alguma das prescriptas.

Os irmãos-maiores servem por semanas, e são os fiscaes que constantemente vigiam para que os seus subordinados cumpram os seus deveres, dando immediatamente parte á administração de qualquer occorrença que mostre infracção d'estes, ou perturbe a boa policia que deve reinar no estabelecimento.

Os doentes recebem os soccorros espirituaes todas as vezes que os pedem, ou estão gravemente enfermos.

Para este fim ha sempre dentro do Hospital oito padres, seis dos quaes confessam, e dois administram os sacramentos.

Quando os doentes morrem, os seus cadaveres não

são removidos ordinariamente sem passarem vinte quatro horas, e sem que os facultativos verifiquem o estado de morte real.

Os cirurgiões do banco tem a seu cargo também fazer todos os dias, de manhã, das oito ás dez horas, o curativo dos doentes chagados que ali se vão curar; tratar os feridos por accidente, que a toda e qualquer hora ali concorrerem; applicar banhos electricos, e fazer a acceitação dos doentes para as diferentes enfermarias, o que deve ter logar das sete ás dez horas da manhã, e das quatro ás seis da tarde no verão; e no inverno, das oito ás onze da manhã, e das duas ás quatro da tarde; salvo se veem gravemente doentes, ou se são de fora de Lisboa, porque são immediatamente recebidos a toda a hora.

Para se fazer uma idéa do serviço que o banco presta á humanidade enferma que ali concorre annualmente a curar-se, bastará dizermos que tem havido annos em que são tratados oito mil cento e quatorze doentes.

Aqui diremos também como o facultativo do banco deve proceder na acceitação dos doentes.

Examina o seu estado para lhe destinar enfermaria e lhe receitar o que julgar conveniente. O doente diz o seu nome, idade, estado, profissão, naturalidade, residencia, filiação, e effeitos com que entra.

Estas declarações vão sendo escriptas pelos empregados na casa dos assentos na *papeleta*, e depois n'um livro para isso destinado, no qual é descarregado quando sae, ou morre.

O doente depois de acceito, passa para a enfermaria que lhe destinaram, onde immediatamente lhe dão cama com roupa lavada e lhe applicam as coisas receitadas, tendo o cuidado de o limparem, se vem immundo, e o seu estado o permite.

Nas enfermarias do Hospital só devem ser acceitos, salvo os casos extraordinarios, os doentes que apresentem um attestado de pobreza, passado pelo seu parochio, e visado pelo regedor.

Todos os outros doentes são acceitos pagando 240 réis por dia; e sendo aguadeiros 160 réis.

Tambem os outros estrangeiros ahi se recebem pagando na conformidade de uma tabella, que existe na contadoria.

N'este Hospital e no de S. Lazaro que lhe é annexo tem havido annos, como foi o de 1847, em que entraram para se tratar quatorze mil trezentos e doze enfermos.

É curiosa a estatistica, perfeitamente combinada e desinvolvida que o cirurgião d'este Hospital, Miguel Januario Fernandes Branco, apresentou relativamente ao anno civil de 1851, com o relatorio d'este estabelecimento, e ao qual nos soccorremos no presente trabalho.

De todas as doenças ali tratadas, a que mais avulta é a syphilis, que entra na razão total dos enfermos saídos de 15,22 para 100.

A mortalidade nos enfermos pode calcular-se, termo medio, em 15 por 100.

N'este estabelecimento tem-se feito a observação de que ella cresce com o augmento no numero dos annos de idade; e é esta uma das causas poderosissimas para a avultada proporção n'esta parte da estatistica.

Egualmente se tem observado que nas duas estações do inverno e outono quasi duplica a das outras duas.

Ainda outra observação, e vem a ser que a mortalidade nas mulheres é muito maior do que nos homens.

Para fazermos uma estimativa aproximada das grandes despezas d'este estabelecimento mencionaremos aqui o consumo de alguns generos nas suas enfermarias em o sobredito anno de 1851:

Leite de vaccas — 13 pipas, 2 almudes, 8 canadas, 3 quartilhos, e 8 onças; sendo 12 pipas, 15 almudes, 8 canadas, e 3 onças para alimentação dos enfermos; e 10 almudes, 5 canadas, e 3 quartilhos para soros salsados; e o resto, ou 1 almude, e 7 canadas para papas de leite, gargarejos, etc.

Leite de burra — 2 almudes, 11 canadas, e 9 onças.

Agoa de Sedlitz natural — 2 almudes, e 2 quartilhos.

Limonada de citrato de magnesia — 2 almudes, e uma canada.

Julepo gommoso — 1 pipa, 10 canadas e 3 quartilhos.

Cosimento de fructos peitoraes — 4 pipas, 7 almudes, e 3 quartilhos.

Sanguessugas — 23920. Deve advertir-se que este numero é muito inferior em relação aos annos antecedentes, em que se não usava tanto do escarificador e ventosas.

Outra curiosissima observação sobre o estado de instrucção do nosso paiz, vem a ser que dos doentes ali tratados n'um anno, os que sabiam ler para os que o não sabiam, estavam na proporção de 17,19 para 100.

Ahi fica dito o que julgamos necessario para dar uma idéa do actual estado do Hospital de S. José; do qual, ainda que resumidamente, deviamos tratar n'este logar, porque deserevendo em as nossas Chronicas os extinctos conventos, tinhamos rigorosa obrigação de explicar o uso para que foram destinados.

Só nos resta dizer que depois de o edificio do collegio de Santo Antão ser applicado para este piedoso fim, se instituiu no pateo da entrada do mesmo Hospital uma feira annual no dia de S. José; e que a construcção do portico e do muro, e plantação de arvores do mesmo pateo, bem como a fabricação de um chafariz que ali havia com duas torneiras, para serviço do publico, e já hoje não existe, foi obra do enfermeiro-mór D. Francisco de Almeida, no anno de 1811.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

AVISO.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Viana do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 21; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.